



REPORTAGEM EM ANÁLISE: recontextualização do discurso sobre tecnologia na revista *Mundo Estranho*

Ana Clara Terra S. G. Naves¹; Carlos Alexandre M. Noccioli²

RESUMO

Este trabalho, inserido no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso, tem como objetivo analisar os recursos discursivos empregados pela revista brasileira *Mundo Estranho* na divulgação sobre tecnologia. Para tanto, elegemos uma reportagem mineirada no *site* da revista através de busca *on-line* por palavras-chave relacionadas à informática. Após análise linguística-discursiva destacamos as estratégias divulgativas cuja finalidade é tornar o conhecimento técnico acessível ao público leigo.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os meios de comunicação e as instituições de ensino têm proporcionado a democratização do saber científico e tecnológico na esfera social, haja vista a ampliação do número de usuários da internet. Antes dessa ampliação do acesso à informações, o conhecimento restringia ao âmbito acadêmico.

Essa democratização tem proporcionado uma importante consequência do acesso público à ciência e à tecnologia, no entendimento de ciência como notícia, dando aos textos jornalísticos de divulgação científica a finalidade de (in)formar a sociedade acerca dos diversos conhecimentos científicos e como estes podem interferir significativamente em suas vidas.

Diferentemente de outros jornalistas que divulgam os fatos e acontecimentos por meio de informações escritas em palavras e conceitos já difundidos, os jornalistas científicos reformulam o conhecimento científico – dotado de informações técnicas e especializadas – elaborando um novo discurso de forma a aproximar o

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho. Muzambinho/MG - E-mail: anaclaraalt@hotmail.com

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho. Muzambinho /MG. E-mail: carlos.noccioli@ifsuldeminas.edu.br

discurso científico, técnico e especializado, ao discurso midiático, de público amplo, heterogêneo e não especializado.

Para tanto, essa recontextualização do discurso obriga o comunicador a compreender, analisar e explicar o mundo científico, destacando algumas de suas particularidades para que as necessidades cognitivas e sociais do público geral sejam atendidas. Nas palavras de Calsamiglia (1997, p. 156) “nem o fazer científico tem valor sem transcender à vida social, nem a sociedade contemporânea pode permanecer sem informação sobre os avanços da ciência”.

Nessa esteira, a Análise do Discurso da Divulgação Científica tem como objetivo identificar, descrever e analisar os distintos fenômenos linguísticos implicados no uso da linguagem permitindo observar como as expressões linguísticas funcionam para a construção das formas de comunicação e representação do mundo, relacionando o texto com seu contexto a partir de uma intenção comunicativa. Essa teoria auxilia a explicitar os recursos linguísticos-discursivos utilizados na divulgação científica, ou seja, a recontextualização da informação científica em um texto acessível ao público leigo, caso da revista em estudo, a *Mundo Estranho*.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia de análise proposta neste trabalho constitui-se em torno das especificidades de uma reportagem de caráter científico publicada na revista de divulgação científica *Mundo Estranho*, em sua versão *on-line*. Dessa forma, o primeiro passo foi a definição da amostra textual relacionada à informática.

A fim de que se realizasse a busca das ocorrências para a configuração do *corpus* de análise, definiram-se palavras-chave para a consulta no acervo *online* disponibilizado pela editora da revista. A partir disso, consultaram-se os textos por meio do termo *informática*, o qual foi escolhido por representar o centro cognitivo no que se refere à Teoria dos Protótipos (TAYLOR, 1989; LAKOFF, 1990), ou seja, o membro mais prototípico da categoria. Levantamos os dados necessários para a construção de nosso mapa de categoria *informática*, buscando respeitar o veículo eleito para a configuração do *corpus* do trabalho: uma revista *on-line* de caráter de divulgação científica para um público geral, não técnico.

No que se refere ao processo de divulgação científica, a teoria da Análise do Discurso da Divulgação Científica (ADDC) fornece subsídios importantes para sua

descrição e análise, uma vez que esse aporte teórico-metodológico comporta satisfatórias categorias de análise linguístico-discursivas, considerando estratégias que vão desde o tratamento do léxico, passando pela sintaxe, indo até a reformulação discursiva. Como autores de fundamental importância da ADDC, destacamos Ciapuscio (1997), pela apresentação de aspectos gerais sobre a reformulação de textos de divulgação científica; Calsamiglia (1997), pelas discussões acerca do processo linguístico-discursivo que caracteriza a popularização do conhecimento científico; Cassany e Martí (1998), pela abordagem em relação às estratégias divulgativas; e Cataldi (2007), pelo detalhamento no que se refere à divulgação científica na mídia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No texto publicado na Edição 132 da revista brasileira *Mundo Estranho* intitulado “*O que é a Deep Web?*”, disponível em versão *on-line* no *site* da revista na seção de *informática*, o jornalista Jocelyn Auricchio aborda o tema utilizando um infográfico que remete a ideia da “ponta do iceberg”, fazendo uso sempre que possível desse conceito popularmente conhecido. Seguindo essa ideia transmitida pela imagem, o autor constrói a reportagem a partir de tópicos com subtítulos e parágrafos curtos, tornando o texto mais de digestão mais fácil, explicitando didaticamente a dificuldade e a obscuridade próprias da *Deep Web*.

Por ser uma característica da revista proporcionar uma aproximação ao leitor jovem, o jornalista simula uma interação oral, apresentando o assunto de forma a chamar atenção do leitor para o uso dessa *camada web*, através de conceitos popularmente conhecidos e de uma linguagem acessível/coloquial. Essa evocação do leitor é promovida através de construções fáticas, aumentando a interação com o leitor, sempre buscando “alertá-lo” sobre a *Deep Web*.

3.1. Procedimentos linguísticos-discursivos de expansão, variação e redução

O procedimento de *expansão*, utilizado para a ampliação do conhecimento, particular ao discurso divulgativo, acontece através de três estratégias que sobressaem: *definição*, *exemplificação* e *analogia*.

Ao discorrer sobre o que seria a *Deep Web* o jornalista ratifica a resposta ao título por meio de uma definição comparativa, em que se compara a *surface web* à área restrita.

No primeiro tópico da reportagem, o jornalista também deixa explícita a restrição dessa plataforma através de uma definição, comparando o sufixo *.onion* (em inglês: cebola – que remete as camadas web) ao sufixo *.com* que é comumente utilizado, definindo em seguida, qual seria sua finalidade por meio da palavra “função”, sendo complementada com exemplos de possíveis usuários. Tais exemplos são utilizados para reforçar a ideia de sigilo e proteção atrelada a *Deep Web*.

Ao tentar mostrar o lugar que se encontra esse tal “perigo”, o jornalista se vale da ideia de “ponto cego”, uma vez que não existe seu “verdadeiro *locus*”, e define como um dos prováveis lugares, nos quais o perigo se manifestaria.

Quando o jornalista alerta o leitor para não se aventurar pela *Deep Web*, define *crakers* como sendo “hackers com intenções criminosas”, ou seja, o oposto do que são *hackers*, subentendendo um conhecimento prévio do que sejam eles.

Na última parte da reportagem, o título do tópico traz uma *analogia*, utilizando-se da taxonomia de um peixe – o qual quase não se vê, mas se conhece sobre sua existência.

Por tratar-se de uma revista de divulgação de curiosidades, o jornalista adequa a linguagem ao seu público, promovendo maior interação com o leitor, destaca-se, assim, o procedimento de *variação*. A maior parte das *variações* se dá por meio de metáforas, as quais causaram um efeito de “proibição” à *Deep Web*.

Assim, é possível organizar as *variações* encontradas no texto relativas à “*Deep Web*” do seguinte modo: *terra sem lei; profundezas; internet secreta; só para VIPs; zona de guerra; nesses mares; parte podre; Dark web*.

Destaca-se a utilização dessas expressões na tentativa de aproximação com o público. A expressão “zona de guerra” remete ao grande combate existente entre o governo, polícia e seus usuários mal-intencionados.

Para “mar”, encontram-se, também, expressões de senso comum como a expressão “fisgar”, destacando a analogia utilizada para comparar certos arquivos – infectados, a fim de obter acesso aos dados do usuário – com as iscas para pescaria, as quais um usuário leigo e desatento consideraria atraente, assim como um peixe consideraria a isca.

No que se refere ao procedimento de *redução*, o autor da reportagem explora, principalmente, o lado negativo da *Deep Web*, abordando uma concepção de que a plataforma seria algo “proibido”, explicitando sumariamente os malefícios e perigos de forma a amedrontar seus usuários em potencial, omitindo informações sobre seus possíveis benefícios ou mesmo descuidando de informações que auxiliariam o usuário a se proteger quando de seu acesso.

No entanto, tal construção da revista pode fomentar ainda mais a curiosidade dos leitores, que, por não conhecerem os procedimentos necessários para um acesso seguro, tornam-se alvos fáceis dos criminosos. No caso de não fomentar a curiosidade do leitor, a revista ao intimidar o leitor, no mínimo priva-o do acesso a pesquisas não divulgadas, livros os quais não foram impressos e que foram proibidos em determinada época, além de uma infinidade de filmes e obras de arte que se diziam perdidas, disponíveis na plataforma. Essa possibilidade não é divulgada pela reportagem.

Dessa forma, a orientação para que se tenha um acesso tranquilo – àqueles que tenham interesse, obviamente – e tenha uma inundação de conhecimento que ultrapasse o senso comum é absolutamente necessária. Todavia, o propósito divulgativo da revista não tangencia essa finalidade.

4. CONCLUSÕES

Destaca-se do texto um caráter explicativo e, principalmente, impregnado de recursos divulgativos que remetem ao perigo, abordando uma questão curiosa do universo tecnológico.

As variações apresentadas no texto fazem com que a reportagem esteja permeada de estratégias para torná-la mais acessível ao público leigo, superando os inevitáveis termos técnicos através de correlatos comuns ao interlocutor não especialista. Entretanto, observa-se a utilização de *variações* não somente como uma estratégia de inteligibilidade, mas uma inserção de analogias e metáforas, a fim de aumentar o interesse do leitor jovem, ou afugentá-lo da *Deep Web*. A representação desses recursos divulgativos está atrelada à visão de um público leitor em relação ao tema: os jovens e a utilização da Internet. Partindo dessa ideia, o que se observa é a utilização de uma linguagem dotada de termos correntes no universo jovem.

Na mesma esteira, o emprego das estratégias divulgativas esteve relacionado à tentativa de promover maior aproximação da reportagem e, conseqüentemente, da revista ao leitor.

Pode-se assim dizer que o texto analisado atinge relativa adequação comunicativa a que se propõe a revista *Mundo Estranho*: divulgar o conhecimento através da estreita relação entre a revista e o leitor, por meio de uma linguagem simples e atreladas ao seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

CALSAMIGLIA, H. Divulgar: itinerarios discursivos del saber: una necesidad, un problema, un hecho. **Quark**, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, p. 9-18, 1997.

CASSANY, D.; MARTÍ, J. Estrategias divulgativas del concepto prion. **Quark**, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 12, p. 56-66, 1998.

CATALDI, C. A divulgação da ciência na mídia: um enfoque discursivo. In: **mídia e identidade**. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2007, p. 155-164.

Ciapuscio, G. **Lingüística y divulgación de ciencia**. Quark, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, p.19-28, 1997.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization**: prototypes in linguistic theory. 2. ed. Oxford: Clarendon Press (1st ed., 1989), 1995.